

Sofrimento de meninas adolescentes na série *13 reasons why*: Um estudo psicanalítico

Natália D. P. de Assis¹, Andreia de A. Schulte², Sueli Regina Gallo-Belluzzo³
e Tânia M. J. Aiello-Vaisberg³

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

² Clinical Department, Michigan School of Psychology

³ Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo (USP)

Submissão: 10 out. 2020.

Aceite: 13 ago. 2021.

Notas das autoras

Natália D. P. de Assis  <https://orcid.org/0000-0002-4113-6049>

Andreia de A. Schulte  <https://orcid.org/0000-0001-5082-1438>

Sueli Regina Galo-Belluzzo  <https://orcid.org/0000-0003-0160-9152>

Tânia M. J. Aiello-Vaisberg  <https://orcid.org/0000-0003-3894-1300>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas para Natália D. P. de Assis, Rua Padre Almeida, 515, cj. 22, Cambuí, Campinas, SP, Brasil. CEP 13025-250. E-mail: nataliadpassis@gmail.com

Resumo

Objetiva-se investigar o sofrimento de meninas adolescentes na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, referencial que se define pelo uso do método psicanalítico e de teorizações de tipo relacional. Justifica-se na medida em que há indícios de que a adolescência feminina corresponde a uma fase potencialmente vulnerável ao sexismo e à violência, que geram efeitos traumáticos. Organiza-se metodologicamente por meio do estudo psicanalítico da série televisiva *13 reasons why*, que tematiza manifestamente a questão. Exposições ao material, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, permitiram a interpretação de dois campos de sentido afetivo-emocional: “Vadias ou certinhas” e “Sem aprovação não sou ninguém”. O quadro geral revela imaginários conservadores e opressores que, ao incitarem a submissão feminina, atacam a tendência humana básica de posicionar-se de modo espontâneo diante da própria existência, determinando efeitos nocivos sobre a subjetividade da menina adolescente.

Palavras-chave: adolescência, feminismo, sofrimento, psicanálise – metodologia, *13 reasons why*

SUFFERING AMONG ADOLESCENT GIRLS IN *13 REASONS WHY*: A PSYCHOANALYTIC STUDY

Abstract

This study's objective was to investigate suffering among adolescent girls from the concrete psychoanalytic psychology perspective, a theoretical framework that adopts the psychoanalytic method and theorizations from a relational perspective. It is a relevant endeavor considering evidence that adolescence among girls is a phase potentially vulnerable to sexism and violence, which may cause traumatic effects. It is methodologically organized in a psychoanalytic study of the television series *13 reasons why*, which manifestly addresses this research topic. The material was addressed in a free-floating-attention state, from which two affective-emotional meaning fields emerged: “sluts or prudes” and “I am a nobody without approval”. In general, the plot reveals conservative and oppressive imaginaries, inciting female submission, attacking the basic human tendency to spontaneously express toward life, harmfully affecting the subjectivity of adolescent girls.

Keywords: adolescence, feminism, suffering, psychoanalysis – methodology, *13 reasons why*

SUFRIMIENTO DE LAS ADOLESCENTES EN *POR TRECE RAZONES*: UN ESTUDIO PSICOANALÍTICO

Resumen

El objetivo es investigar el sufrimiento de las adolescentes desde la perspectiva de la psicología psicoanalítica concreta, referencia que se define por el uso del método psicoanalítico y teorizaciones de tipo relacionales. Hay indicios de que la adolescencia femenina corresponde a una fase potencialmente vulnerable al sexismo y violencia, que pueden generar efectos traumáticos. Se organiza metodológicamente mediante el estudio psicoanalítico de la serie televisiva *Por trece razones*, que aborda claramente el tema. Las exposiciones al material, en estado de atención fluctuante y libre asociación de ideas,

permitieron la interpretación de dos campos del sentido afectivo-emocional: “Perras o comportadas” y “Sin aprobación no soy nadie”. El panorama general revela imaginarios conservadores y opresivos que, al incitar a la sumisión femenina, atacan la tendencia humana básica a posicionarse espontáneamente antes de su propia existencia, determinando los efectos nocivos en la subjetividad de la adolescente.

Palabras clave: adolescencia, feminismo, sufrimiento, psicoanálisis – metodología, *Por trece razones*

A adolescência, tal como é produzida na atualidade, configura-se como um período no qual o sofrimento socialmente determinado se apresenta como relevante, desafiando profissionais da saúde e das ciências humanas. Esse quadro se complica pelo fato de a sociedade contemporânea constituir-se como formação complexa, multifacetada e cambiante, de modo que seria mais exato falar em adolescências no plural, pois ocorrem como passagens, muitas vezes duradouras, e serão vividas de diferentes formas conforme as condições de gênero, culturais, econômicas, geopolíticas e históricas.

Observações clínicas, realizadas a partir do trabalho em consultórios e instituições, que tomam como foco o sofrimento emocional de adolescentes, revelam a existência de impasses no modo como os adultos cuidam atualmente dos mais jovens. Professores, familiares, médicos, psicólogos e outros profissionais questionam-se sobre os limites da liberdade e da autonomia a serem concedidas, bem como sobre a intensidade das cobranças necessárias. Tais indagações encontram-se diretamente ligadas ao fato de os adolescentes não responderem totalmente pelos próprios atos, desde os pontos de vista civil e criminal, mas já contarem com condições de agir de modo a produzirem consequências que afetam a própria vida, bem como a dos demais, tais como gerar um filho e machucar severamente a si próprio ou outras pessoas.

A nosso ver, ganhamos clareza quando compreendemos a adolescência feminina como articulação de duas dimensões – ser adolescente e ser mulher – apresentando-se concretamente como condição que impõe importantes desafios. Tal articulação pode ser compreendida como forma específica de interseccionalidade, conceito cunhado para destacar que as mulheres negras enfrentam opressões derivadas do sexismo, do racismo e da pobreza, de forma combinada e potencializada (Bello et al., 2016). Operando uma ampliação, a nosso ver legítima, desse conceito, em virtude de seu poder heurístico, defendemos sua utilização diante de coletivos oprimidos de mais de um modo, mesmo quando o racismo propriamente dito não está em pauta. Quanto mais intersecções são consideradas, mais bem compreendida será a experiência vivida, pois consideramos que olhar para sobreposição de opressões permite que nos aproximemos maximamente da concretude do drama vivido, afastando-nos das abstrações e generalizações (Bleger, 1963/2007).

No contexto de produção de conhecimento sobre a menina adolescente, parece-nos indispensável considerar a especificidade da situação daquelas que acabam de se tornar não propriamente *pessoas* sexualmente visíveis, mas, dadas certas condições macrosociais, *corpos* sexualmente visíveis, o que inaugura novas dramáticas de vida. Em nossas leituras, identificamos que muitos dos sentidos socialmente atribuídos à sexualidade da menina adolescente constituem o que podemos considerar, seguindo as lições de Almeida (2018), como violência estrutural.

Parece-nos que são menos enfáticas as práticas sociais que incentivam a autonomia das meninas em relação aos seus corpos, as quais coexistem, paradoxalmente, com incentivos aos meninos de que se relacionem sexualmente cada vez mais cedo e com grande número de

parceiras. Simultaneamente, as meninas tendem a ser constantemente vigiadas, censuradas e impelidas a adotar posturas submissas, que se ocultam sob imaginários nos quais o amor romântico é idealizado (Beauvoir, 1949/2009). A nosso ver, persiste, em vários espaços da sociedade, uma tendência a abordar a sexualidade de meninas adolescentes segundo padrões conservadores, moralistas e preconceituosos.

A questão da violência sexual é, atualmente, problema plenamente reconhecido como problema de saúde pública e de violação de direitos humanos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Convergentemente, tem despertado o interesse dos pesquisadores, gerando um retorno de 8.824 estudos quando o descritor “violência sexual” é usado no PubMed para rastrear os últimos cinco anos. Quando violência sexual é combinada com “menina adolescente”, deparamo-nos com 3.220 resultados, o que indica que cerca de 36% dos estudos focalizam a ocorrência do fenômeno entre as mulheres mais novas. Revisões bibliográficas sistemáticas, encontradas na mesma base, tendem a focalizar fatores associados ao fenômeno, entre os quais se destacam nitidamente a pobreza, o uso de drogas ilícitas e a vigência de conflitos armados, conforme trabalhos como o de Mlouki et al. (2020). Contudo, parecem mais raras as produções que visam estudar a eficácia de programas de tratamento das vítimas, como demonstram, por exemplo, Lomax e Meyrick (2020) que, por sua vez, concluem que muito ainda deve ser realizado e pesquisado para que se possa chegar a obter benefícios terapêuticos significativos para as vítimas desse tipo de violência.

Diante do exposto, consideramos que investigar psicanaliticamente o sofrimento social de meninas adolescentes pode contribuir significativamente para a produção de conhecimento sobre efeitos subjetivos gerados pelas questões de gênero. Assim, esperamos ampliar a discussão sobre a adolescência feminina, reconhecendo que esse processo interseccionará opressão feminina e etarismo adultocêntrico. Finalmente, desejamos que o conhecimento aqui produzido possa ser usado como subsídio de práticas psicoterapêuticas e psicoproláticas, individuais ou coletivas, conforme peculiaridades dos atendidos, bem como gerar informações importantes para debates visando às transformações que se possam pautar por perspectivas ético-políticas capazes de atender às necessidades de cuidado que perpassam toda a vida humana, mas se revelam sobretudo significativas em algumas fases, entre as quais se incluem a infância e a adolescência (Biroli, 2018).

Método

Esta é uma pesquisa psicológica qualitativa, na medida em que se volta para o estudo dos sentidos afetivo-emocionais de atos humanos, compreendidos aqui como fenômenos que se dão de modo vincular e socialmente contextualizado (Aiello-Vaisberg, 2017). Como sabemos, as pesquisas qualitativas, modalidade já consagrada no campo das ciências humanas, constituem-se como meio de produção de conhecimentos compreensivos, que se organizam segundo diferentes vertentes teórico-metodológicas (Denzin & Lincoln, 2017). Por esse motivo,

nesse tipo de investigação, a seção metodológica deve trazer não apenas os procedimentos utilizados, mas também uma breve explanação sobre o referencial adotado.

A presente investigação foi concebida à luz da psicologia psicanalítica concreta, que foi criada por Bleger (1963/2007), a partir de proposta cunhada por Politzer (1928/1998), filósofo que demonstrou a coexistência, no bojo do pensamento freudiano, de dois discursos inconciliáveis. Um deles aborda os sintomas e o sofrimento como experiência vivida pelas pessoas em termos dramáticos e vinculares, guardando marcada proximidade com teorizações fenomenológicas e existenciais. O outro corresponde à metapsicologia, um modelo fiscalista que considera o psiquismo humano como um aparelho percorrido por energias impessoais. Politzer (1928/1998) revelou-se muito entusiasmado com a valorização do vivido em condições vinculares, identificando nisso a base para a constituição de uma ciência da “primeira pessoa”, mas recomendou com veemência o abandono da especulação metapsicológica, no âmbito da qual a pessoa é reduzida ao organismo.

Sabemos hoje que o texto politzeriano se tornou muito conhecido no contexto francês e que suscitou diferentes respostas dos estudiosos. Lacan (1938), por exemplo, veio a concordar com o filósofo, usando sua crítica inclusive como argumentação a favor de uma revisão que depurasse a psicanálise de seu naturalismo. Outros, como Ricoeur (1965/1977), consideraram que sentido e energia deveriam ter sua tensa e contraditória coexistência tolerada. Finalmente, Bleger (1963/2007) optou pela supressão da metapsicologia, a exemplo do que fizeram muitos que deixaram o campo psicanalítico para forjar psicanálises existenciais.

Temos nos alinhado a Bleger (1963/2007), motivo pelo qual nos cabe afirmar o uso da psicologia psicanalítica concreta como referencial, lembrando que deve ser caracterizada como uma perspectiva que faz uso do método investigativo freudiano, que tanta admiração provocou em Politzer (1928/1998), para pensar as interpretações de acordo com uma teoria relacional. Ao persistir no uso do método psicanalítico, nosso referencial segue uma linha de fidelidade metodológica que tem se mantida inalterada, ao longo das décadas, entre psicanalistas de diferentes escolas (Herrmann, 1979), o que é bastante compreensível dada sua fecundidade heurística. Ao rejeitar a teorização metapsicológica, a psicologia psicanalítica concreta coincide com outras tendências psicanalíticas, que valorizam a intersubjetividade na experiência vivida, tais como a psicanálise intersubjetiva de Stolorow e Atwood (1996) e a psicanálise relacional de Mitchell (1988).

Portanto, quando usamos o método psicanalítico em pesquisas qualitativas, como a presente, para pensar interpretativamente à luz da psicologia psicanalítica concreta, adotamos uma opção epistemologicamente válida, na medida em que o mesmo método pode se combinar com teorizações pulsionais ou relacionais (Greenberg & Mitchell, 1983/1994), como percebido pelo filósofo húngaro. Fundamentado na sistematização realizada por Bleger (1963/2007), o referencial que usamos se apoia em alguns conceitos psicológicos – o que não deve surpreender, uma vez que, para esse autor, a psicologia compreensiva, em vertentes

psicanalíticas ou fenomenológicas, e não a metapsicologia, seria um campo do saber que se oporia à objetivação dos fenômenos humanos. Dois desses conceitos revelam-se fundamentais: conduta e campo psicológico – que rebatizamos, a bem da clareza, como campo de sentido afetivo-emocional, uma vez que outras disciplinas científicas se interessam por outros tipos de sentidos, tais como os econômicos, os políticos, os culturais ou os históricos, entre outros. Acrescentamos, aos conceitos de conduta e campo, a noção de imaginário como conduta e como campo, que não é mais do que uma especificação terminológica facilitadora.

Bleger (1963/2007) utiliza o conceito de conduta para designar atos e produtos de atos humanos, realizados por indivíduos ou coletivos. Segundo sua compreensão epistemológica, calcada numa visão dialética da realidade, todas as ciências humanas compartilhariam o mesmo objeto de estudo, vale dizer, a conduta dos seres humanos concretos, fenômeno inerentemente complexo, multifacetado e cambiante.

A abordagem psicológica da conduta focaliza-a como drama ou experiência vivida, lembrando que Politzer (1928/1998) fala em drama em sua acepção precisa para significar ação ou ato humano, vale dizer, o que constitui a vida humana em sentido biográfico, sem se confundir com a ideia de vida biologicamente definida. A bem da clareza, é importante lembrar que a experiência vivida corresponde à consideração dos atos humanos segundo seu sentido afetivo-emocional, que apresenta sempre caráter inerentemente relacional (Bleger, 1963/2007). No campo psicológico, é relevante a distinção das áreas de expressão dos atos humanos: 1. a área mental/simbólica, que seria aquela na qual ocorrem condutas tais como pensamentos, fantasias, crenças; 2. a área corporal, que seria aquela na qual ocorrem fenômenos corporais passíveis de ser percebidos pela própria pessoa e pelos demais; e 3. a área de atuação no mundo externo, na qual ocorrem tanto as ações das pessoas como o que deriva das ações de pessoas, ou seja, todo tipo de objeto, entre os quais se encontram também fenômenos sociais, produções culturais, obras de arte, composições, entre outros.

Os campos de sentido afetivo-emocional, que produzimos interpretativamente, correspondem a algo que, ocorrendo na realidade social, configura-se como mundos vivenciais, motivo pelo qual se pode dizer que sentidos afetivo-emocionais são criados/encontrados na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Ou seja, são paradoxalmente produzidos tanto pelo ato interpretativo como pelas interações inter-humanas que têm lugar no espaço da convivência, organizando-se ao redor de crenças, valores ou fantasias. Produzidos por atos humanos – e não por entidades sobre-humanas ou elementos infra-humanos –, os campos se constituem como espécie de fundo produtor, a partir dos quais emergem novas condutas, mantendo-se ou modificando-se ao longo do tempo (Aiello-Vaisberg, 2017).

Esclarecemos que os campos de sentido afetivo-emocional correspondem ao modo peculiar como a psicologia psicanalítica concreta concebe o inconsciente, não mais como instância intrapsíquica e sim como um campo intersubjetivo que se insere em contextos macrosociais. Produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional, que se constelam

na realidade social, pode iluminar modos de vida que determinam exclusão, discriminação, humilhação e sofrimento.

É importante salientar que não existem diferenças ontológicas entre conduta e campo, na medida em que ambos são constituídos por atos humanos. Usamos o termo conduta quando nos interessamos por focalizar uma certa manifestação como ato, como ação, e lançamos mão do termo campo ou campo de sentido afetivo-emocional quando focamos ambientes vivenciais, habitados por indivíduos e grupos, que, resultando de atos, perduram no tempo, constituindo-se como uma espécie de fundo coexistencial a partir do qual emergem novas condutas.

Finalmente, esclarecemos que o conceito de imaginário como conduta e campo foi proposto inicialmente com vistas a delimitar um certo conjunto de atos humanos, tendo em vista conferir precisão a estudos que se articulam ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 2017), por meio do qual participantes de pesquisas são convidados a desenhar uma determinada figura, fiando-se em sua própria imaginação para, a seguir, criarem uma história sobre o que desenharam. Esse procedimento corresponde à solicitação de atos humanos, vale dizer, desenhar e inventar histórias, que se associam à capacidade humana de imaginar. Cabe também lembrar que o adjetivo coletivo é usado quando estamos interessados no que é coletivamente imaginado, ou seja, no que creem e fantasiam personalidades coletivas, tais como torcidas de times de futebol, consumidores, grupos por faixa etária ou geracional, moradores de uma mesma localidade e outros. Cumpre assinalar que, segundo Rosa et al. (2021), o conceito de imaginário coletivo constitui importante e promissor acréscimo brasileiro ao vocabulário psicológico contemporâneo, tendo em vista a vasta produção de conhecimentos derivada de pesquisas realizadas a partir dos anos 2000. Rosa et al. (2021) sugerem que novas pesquisas dedicadas à investigação de imaginários coletivos possibilitarão a identificação de processos que motivam preconceitos e estereótipos que ainda vigoram no país, bem como a emergência de descobertas valiosas referentes a uma vasta temática psicossocial acerca das quais não possuímos uma compreensão mais aprofundada.

A seguir, esclarecemos o modo como operacionalizamos o método psicanalítico, na presente pesquisa, em termos da proposição de três procedimentos investigativos: 1. seleção do material; 2. encontro e registro do material; e 3. interpretação de campos de sentido afetivo-emocional.

Procedimentos

O procedimento investigativo de seleção do material se deu como busca de produções fílmicas que atendessem aos seguintes critérios: 1. que se tratasse de material disponível na plataforma de *streaming* Netflix por meio do marcador adolescentes; 2. que tivesse sido lançado durante o século XXI; 3. que tematizasse manifestamente o sofrimento social vivido por

adolescentes do sexo feminino; e 4. que tivesse alcançado certa receptividade perante o público. Tais critérios foram estabelecidos a partir da intenção de trabalhar com uma produção cultural dotada de atualidade e de poder de impacto sobre contingentes populacionais expressivos. Após extenso trabalho de busca a partir dos critérios estabelecidos, encontramos a primeira temporada da série *13 reasons why* (Yorkey, 2017–2020), um material satisfatório em relação aos nossos objetivos de pesquisa. Trata-se de material que retrata os últimos dias de vida de uma garota adolescente, Hannah Baker, que se suicida deixando 13 fitas nas quais narra as razões pelas quais decidiu colocar fim à própria vida. Em cada fita, a personagem responsabiliza alguém pelo seu sofrimento, e os motivos incluem desde invasão de privacidade, boatos, traições de amigos, sentimentos de inadequação, até a violência extrema, como estupro, entre outros. É importante insistir que a utilização de material fílmico segue a modalidade freudiana de estudo sobre materiais culturais, ainda que não para demonstrar sua fecundidade heurística, como fez o criador do método, e sim para revelar fantasias e crenças que são socialmente produzidas e compartilhadas.

O procedimento investigativo de encontro e registro ocorreu por meio da elaboração de narrativas transferenciais realizadas após sucessivas exposições a cada episódio da série. Essa coleção inicial de narrativas por episódio serviu para a posterior elaboração de uma única narrativa transferencial, que abrangeu a história completa veiculada pela série televisiva. Toda essa escrita é designada como narrativa transferencial pelo fato de ser realizada em cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias, incluindo não apenas o registro do enredo, mas também os impactos contratransferenciais vivenciados durante a exposição ao material de estudo.

No que diz respeito ao procedimento investigativo de interpretação, cumprimos coletivamente a tarefa de criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional intersubjetivos a partir do contato com o material, no âmbito do grupo de pesquisa, que é integrado por pesquisadores capacitados no uso do método psicanalítico. Adotamos tal prática porque consideramos que a multiplicidade de olhares contribui positivamente com a produção interpretativa. Utilizando-nos, portanto, das premissas psicanalíticas, vale dizer, atenção flutuante e livre associação de ideias, seguimos as recomendações metodológicas de Herrmann (1979), tomadas como guias para a interpretação psicanalítica: deixar que surja, tomar em consideração e completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente. Nesse momento, torna-se necessária a suspensão de conhecimento teórico, para que nos deixemos impactar emocionalmente o máximo possível com vistas a produzirmos interpretações que, sem pretender esgotar a riqueza do material, pareçam-nos suficientemente interessantes e pertinentes, no presente momento, para a discussão sobre o sofrimento social de meninas adolescentes.

Na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, a seção habitualmente conhecida como discussão dos resultados é denominada interlocuções reflexivas, caracteriza-se por cessarmos o uso do método, abandonando a observação da atenção flutuante e da associação

livre de ideias, para dar início ao trabalho reflexivo, num diálogo com autores das ciências humanas que abordam as principais questões referidas nos campos de sentido afetivo-emocional. O caráter dialógico e reflexivo dessa etapa visa produzir conhecimento compreensivo que possibilite pensar problemas contemporâneos desde uma perspectiva psicossocial e subsidiar práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas.

Resultados

Resultados interpretativos

Apresentamos, nesta seção, os campos de sentido afetivo-emocional que criamos/encontramos a partir do procedimento investigativo de interpretação do material, levado a cabo pela observação das palavras de ordem de Herrmann (1979). Lembramos que tais campos devem ser concebidos como inconscientes intersubjetiva e coletivamente produzidos e habitados (Bleger, 1963/2007; Aiello-Vaisberg, 2017).

Consideramos que a série *13 reasons why* pode ser produtivamente compreendida pela proposição de que emerge a partir de dois campos de sentido afetivo-emocional que intitulamos: “Vadias ou certinhas” e “Sem aprovação não sou ninguém”.

O primeiro campo, “Vadias ou certinhas”, organiza-se ao redor da crença segundo a qual manifestações femininas de sexualidade, fora de um contexto amoroso, revelam uma constituição pessoal imoral.

O segundo, “Sem aprovação não sou ninguém”, organiza-se ao redor da crença de que meninas moralmente bem constituídas pautam seu comportamento de modo a obter a aprovação social.

A proposição dessas duas interpretações, de caráter abrangente, na medida em que dizem respeito a uma complexa configuração sobre a vida das meninas adolescentes no mundo contemporâneo, não corresponde, obviamente, às únicas possibilidades interpretativas passíveis de ser produzidas diante do rico material da série televisiva aqui estudada. Entretanto, nosso objetivo ao usarmos o método psicanalítico não é esgotar os sentidos de um material, mas abordar questões que favoreçam a compreensão e o reconhecimento do sofrimento emocional de meninas adolescentes, que são indispensáveis para o encaminhamento de sua superação.

Interloquções reflexivas

Acreditamos ser importante destacar que, correspondendo à visão de inconsciente intersubjetivo, característica da psicologia psicanalítica concreta, o campo subjaz, mas não coincide literalmente com o próprio material, uma vez que deriva de um ato interpretativo. De fato, podemos afirmar, com rigor, que pode ser concebido como uma espécie de fundo ou substrato a partir do qual emergem as manifestações de conduta que constituem, no presen-

te caso, o enredo fílmico. Os campos, ou inconscientes relativos aos imaginários, que a produção expressa, são, portanto, os resultados da pesquisa, sobre os quais aqui refletimos. Somente após a criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocionais, partimos em busca de teorias psicanalíticas e não psicanalíticas que permitissem um diálogo contextualizado acerca do drama em questão. Nesse sentido, propomos um recorte que leva em consideração, especialmente, o sofrimento vinculado aos ataques direcionados à sexualidade feminina na adolescência, bem como o modo como a livre expressão do *self* tende a ser dificultada devido aos campos sociais em que ainda nos encontramos atualmente.

Diversas situações podem ser exemplificadas como emergentes do campo “Vadias ou certinhas”. Podemos nos lembrar, com facilidade, dos boatos sobre o relacionamento sexual da adolescente fora de um contexto de namoro que, consequentemente, geraram comentários preconceituosos de que seria apenas uma garota com quem se divertir de modo descomprimissado. Outro exemplo são as conversas e avaliações sobre partes do corpo feminino sexualmente excitantes, exaltando suas qualidades, ao mesmo tempo que a menina era reduzida a objeto sexual.

Podemos ponderar que do campo “Vadias ou certinhas”, que sustenta um imaginário segundo o qual as adolescentes deveriam se submeter a certos padrões e normas de gênero, emergem inúmeras condutas violentas praticadas contra mulheres – desde as mais aparentemente brandas, como boatos, risadas e deboches, até as mais radicais, como a violência física e sexual. Compreendemos que o clima judicativo predominante nesse mundo vivencial parece comprometer a forma como as adolescentes consideram seus próprios corpos, uma vez que notamos fantasias de possuírem um corpo atraente, serem sexualmente desejadas, sentirem-se atraentes.

De acordo com a lógica afetivo-emocional desse campo, um simples boato pode rotular uma menina como vadia e provocar nela intenso sofrimento pois, sendo considerada como tal, seria tratada com desrespeito e teria sua integridade moral questionada. A menina vadia será, portanto, discriminada por todos, mesmo por aqueles que a procuram sexualmente, tentando seduzi-la. Todavia, ser considerada certinha, vale dizer, obter reconhecimento de que seria o tipo de menina merecedora de namorar, casar e ter filhos, muito embora possa soar como elogio, equivale, de fato, a um ataque à espontaneidade da adolescente e a uma incitação à submissão a normas socialmente estabelecidas. Segundo esse imaginário, para se casar, a moça deveria ser reservada, pura, obediente, comportada e, claro, sexualmente inibida. Logo, teria melhor chance de ser vista como certinha a garota que reprimisse a capacidade de viver espontaneamente sua própria sexualidade. Esse campo, de caráter francamente conservador, aponta para uma questão que Beauvoir (1949/2009, p. 438) já denunciava em sua obra pioneira:

Da moça exige que fique em casa, fiscalizam suas saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma

longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas, etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam sua independência difícil. Se passeiam pelas ruas são olhadas, abordadas. Conheço moças que, sem serem absolutamente tímidas, não encontram nenhum prazer em passear sozinhas por Paris porque, importunadas sem cessar, precisam andar sempre atentas: com isso, todo o prazer se esvai. Se as estudantes correrem as ruas em bandos, alegres, como fazem os estudantes, querem se mostrar, andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na “moça bem-comportada”, mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso reprimida, do que resultam tensão e tédio.

Desse modo, podemos inferir que condutas emergentes do campo “Vadias ou certinhas” podem gerar sofrimentos psíquicos relacionados à dificuldade da mulher em viver a sexualidade de forma espontânea e como manifestação de vida e saúde. Ora, o que atenta contra a espontaneidade de modo geral e contra a sexual em particular consiste em grave ataque contra a pessoa, algo que fica ainda mais claro quando lembramos, com Winnicott (1945/1982), que a espontaneidade não se confunde com a impulsividade, na medida em que leva o outro em consideração. Em nossa sociedade, os meninos parecem usufruir de maior liberdade para se relacionarem sexualmente com outras pessoas, independentemente de estarem em um envolvimento considerado sério, como o namoro. Porém, à medida que os jovens são estimulados a ter várias parceiras, como suposto reconhecimento de sua masculinidade, também acabam tendo sua espontaneidade atacada, visto que a impulsividade é constantemente cultivada socialmente. Nesse sentido, a menina seria vista como objeto sexual, resultando, assim, em diversas formas de violência contra mulheres.

Nesse campo, observamos a configuração de um ambiente hostil, estruturado de modo ambíguo, na medida em que as meninas consideradas vadias corresponderiam a pessoas sexualmente desejadas, que proporcionam prazer e são desprezíveis ao mesmo tempo, enquanto aquelas consideradas certinhas são valorizadas para serem namoradas, mas seriam, também, meninas que não despertam desejo sexual nos rapazes. Ambas são objetos ambíguos que sofrem violência. Aquela que desperta o desejo sexual dos rapazes é difamada e tratada como vadia, e a namorada é traída, porque o namorado manterá vida sexual com meninas consideradas vadias. Podemos elucubrar que existe um mundo vivencial em que existe divisão entre meninas para ter relações sexuais e meninas para casar, entre adolescentes puras e impuras. Entendemos que seria significativamente diferente viver em um ambiente que favorecesse o surgimento e a sustentação de manifestações mais espontâneas – e não submissas – tanto na esfera da sexualidade como em outras áreas da vida. Desse modo, tanto meninos quanto meninas visariam ao estabelecimento de vínculos criativos e respeitosos em suas relações.

Para Bartky (1990), as constantes violências sofridas nas relações interpessoais seriam posteriormente internalizadas pelas vítimas, que passariam a hipervalorizar atributos ligados à habilidade de se fazerem eroticamente excitantes. Trata-se de uma operação imaginária que apresenta efeitos traumáticos, podendo prejudicar a saúde mental e o posicionamento emocional e existencial das meninas adolescentes. Nesse sentido, refletimos que esse imaginário sobre a menina adolescente está intimamente ligado ao que compreendemos como processos de despersonalização/desumanização, vale dizer, a ataques velados ou explícitos, dirigidos contra a mulher (Aiello-Vaisberg, 2017). Desse modo, acreditamos que a objetificação feminina, mediante a qual a mulher se torna alvo de ações, que visam atribuir-lhe uma condição infra-humana de objeto erótico, seja um recurso desumanizador.

Passamos, a seguir, ao campo de sentido afetivo-emocional “Sem aprovação não sou ninguém”, lembrando que muitos dos sofrimentos vivenciados pelas adolescentes da referida série televisiva parecem estar vinculados à alta necessidade de aprovação do outro. Aliás, ser certinha não deixa de significar uma busca por ser aprovada socialmente. Contudo, julgamos importante interpretar a vigência desse segundo campo, justamente porque pode ampliar a visão do que se passa em registro especificamente sexual, fato que não deve causar estranheza, se lembrarmos que normas de gênero têm caráter estrutural na sociedade em que vivemos. Mesmo usufruindo de aprovação familiar, a protagonista da produção analisada sofre, do começo ao fim, ao buscar incessantemente a aprovação de seus colegas, pais e professores. Vale lembrar que ela é recém-chegada à cidade e à escola, o que faz com que esteja em condição de vulnerabilidade, no que diz respeito a ansiedades relativas ao estabelecimento de novas relações.

Outras personagens femininas dessa série também sofrem pela busca por aprovação a partir de diferentes situações. Consequentemente, sentem-se impelidas a ocultar certas informações, tais como a orientação sexual ou o envolvimento em acidentes de trânsito. Elas assim o fazem para que possam obter aprovação de seus pais, de seus pares e daqueles com quem convivem.

Visto que adotamos a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, tais questões são tratadas de modo vincular e dramático. Numa leitura da obra de Freud, notamos que, quando ele propôs a teoria do complexo de Édipo (Freud, 1924/1976), trouxe à luz um pensamento relacional e dramático, visto que trata da relação da criança com seus genitores, envolvendo amor, conflitos e inveja do pênis. Entretanto, não deixou de considerar o drama vivido em termos pulsionais, fazendo apelo às pulsões sexuais e ao masoquismo autenticamente feminino, que se expressariam por meio de fantasias de castrações, copulações, ser amordaçada e outras humilhações de ambos os sexos, mas consideradas como tipicamente femininas.

Quando nos alinhamos a partir da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, podemos concluir que o esforço dessas meninas para obter aprovação social não se relaciona

diretamente, como queria Freud (1924/1976), com as diferenças anatômicas existentes entre o menino e a menina, nem com o modo como esta última vivencia o complexo de Édipo. Como sabemos, na visão freudiana, a menina, percebendo-se castrada, como a própria mãe, dela se afastaria para se aproximar do pai, que passaria a ser tomado como modelo de escolha de objeto. Aceitar-se como castrada e buscar unir-se a um homem, que não seja o próprio pai, seria a saída mais saudável para a vida feminina, que se coroaria quando, tornando-se mãe de um filho, este viesse a simbolizar o falo materno. Logo, percebemos que, nessa perspectiva sobre a mulher, aprovações masculinas, do pai e do parceiro, figuram como requisitos que permitem a gratificação de gerar um filho/falo.

Essa teorização, calcada na diferença anatômica entre os sexos, cai por terra quando assumimos uma visão psicanalítica relacional que inclui a dimensão macrosocial, vale dizer, o modo como se dá a socialização feminina, desde a tenra infância, na sociedade contemporânea. Nesse sentido, há que se reconhecer que as garotas são frequentemente estimuladas a ser belas, obedientes, discretas e comportadas. Assim, é notável que durante a adolescência, fase em que a sexualidade passa a ser uma questão de crescente atenção, venham a ter sua expressividade cerceada.

Entretanto, profundas transformações sociais, derivadas dos movimentos feministas, têm permitido que a menina possa ser respeitada como alteridade, amadurecendo sem conceber o feminino como castrado e em perpétua luta pela conquista de um falo, a fim de conquistar respeito e reconhecimento. Desse modo, a menina desenvolveria uma relação autêntica e não submissa ao ambiente, possibilitando um viver criativo, baseado no verdadeiro *self* em oposição ao viver submisso, defensivo, dissociado e falso *self* (Winnicott, 1945/1982). Porém, um campo de sentido afetivo-emocional, que é regido pela crença de que a menina deve se comportar de modo a ter que agradar ao outro, numa atitude de submissão, impediria a pessoa de se sentir viva e real, bem como de seguir um processo de amadurecimento verdadeiro, ou seja, baseado na autenticidade, na espontaneidade e na consideração e no respeito do outro (Winnicott, 1945/1982).

Winnicott (1945/1982) não pensa a sanidade a partir da adaptação submissa à realidade, mas sim em termos de desenvolvimento emocional que conduz a um amadurecimento ético levando o indivíduo a considerar o outro não por medo paranoide, mas por sensibilidade, compaixão e empatia. Sendo assim, o desenvolvimento de uma capacidade ética ocorre quando condutas de respeito e consideração à alteridade podem acontecer como gesto espontâneo.

Considerações finais

O quadro geral revela imaginários conservadores e opressores que, ao incitarem a submissão feminina, atacam a tendência humana básica de posicionar-se de modo espontâneo diante da própria existência, determinando efeitos nocivos sobre a subjetividade da menina adolescente. Considerando nossos achados de pesquisa, refletimos que as condições fun-

damentais de existência, dignas e favoráveis ao amadurecimento emocional e ético, parecem ser negadas de modo intensificado às meninas adolescentes por meio de ataques desumanizadores e da dificuldade de sustentação das manifestações autênticas do viver, sendo elas vinculadas, ou não, à sexualidade feminina. Tal conclusão incentiva tanto a produção de conhecimento por meio do qual possamos lidar clinicamente, em vertentes psicoprofiláticas e psicoterapêuticas, com o sofrimento que daí deriva, como motiva a busca de transformações sociais mais amplas, nas quais se devem envolver movimentos sociais e sociedade civil como um todo. Finalmente, há que se lembrar de que a opressão feminina, gerada pelo machismo estrutural, pertence ao largo espectro de condições, tais como a pobreza e o racismo, geradoras de sofrimentos sociais.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo clínico ser e fazer: Resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41–62. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Bartky, S. L. (1990). *Femininity and domination: Studies in the phenomenology of oppression*. Routledge.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad.). (2a ed.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949).
- Bello, B. G., Mancini, L., & Crenshaw, K. W. (2016). Talking about intersectionality: Interview with Kimberlé W. Crenshaw. *Sociologia del Diritto*, 43(2), 11–21. <https://doi.org/10.3280/SD2016-002002>
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: Os limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Bleger, J. (2007). *Psicologia de la conducta*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1963).
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2017). *The Sage handbook of qualitative research*. Sage.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (J. Salomão, Trad.). (Vol. 19, pp. 215–226). Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica* (E. de O. Diehl, Trad.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1983).
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. Brasiliense.
- Lacan, J. (1938). La famille. In P. Abraham, H. Gratiot-Alphandéry, C. Blondel, H. Delacroix, G. Dumas, G. Friedmann, P. Guillaume, P. Guiraud, P. Janet, R. Jeudon, M. Kellersohn, J. Lacan, D. Lagache, J. Lhermitte, B. J. Logre, G.-E. Magnat, E. Minkowski, M. Minkowski, A. Ombredane ... H. Wallon, *Encyclopédie française* (Vol. VIII, pp. 8'40–3–8'40–170). Larousse.
- Lomax, J., & Meyrick, J. (2020). Systematic review: Effectiveness of psychosocial interventions on wellbeing outcomes for adolescent or adult victim/survivors of recent rape or sexual assault. *Journal of Health Psychology*, 27(2), 1–27. <https://doi.org/10.1177/1359105320950799>
- Mitchell, S. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis*. Harvard University Press.
- Mlouki, I., Nouira, S., Mrabet, H. E., Hmaied, O., Abdelaziz, A. B., & Mhamdi, S. E. (2020). Youth violence in Maghreb countries. A systematic review. *La Tunisie Medicale*, 98(7), 527–536. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33479950/>
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. Unimep. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Imago. (Trabalho publicado em 1965).
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M., Miranda, L., & Peres, R. S. (2021). “Paciente-problema”: Imaginário coletivo de enfermeiros acerca do usuário com diagnóstico de esquizofrenia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 31(1), e310108. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310108>
- Stolorow, R. D., & Atwood, G. E. (1996). The intersubjective perspective. *Psychoanalytic Review*, 83, 181–194. <https://icpla.edu/wp-content/uploads/2012/10/Stolorow-Atwood-The-Intersubjective-Perspective-Psychoa.-Review-1996.pdf>
- Winnicott, D. W. (1982). Desenvolvimento emocional primitivo. In D.W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 247–268). Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945).
- Yorkey, B. (Diretor) (2017–2020). *13 reasons why* [série televisiva]. July Moon Productions; Distribuidora Netflix.

EQUIPE EDITORIAL**Editora-chefe**

Cristiane Silvestre de Paula

Editores associados

Alessandra Gotuzo Seabra

Ana Alexandra Caldas Osório

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de seção**"Avaliação Psicológica"**

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

André Luiz de Carvalho Braule Pinto

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Marcos Vinicius de Araújo

Vera Lúcia Esteves Mateus

"Psicologia e Educação"

Alessandra Gotuzo Seabra

Carlo Schmidt

Regina Basso Zanon

"Psicologia Social e Saúde das Populações"

Enzo Banti Bissoli

Marina Xavier Carpena

"Psicologia Clínica"

Carolina Andrea Ziebold Jorquera

Julia Garcia Durand

Natalia Becker

"Desenvolvimento Humano"

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Rosane Lowenthal

Suporte técnico

Camila Fragoso Ribeiro

Giovanna Joly Manssur

Maria Fernanda Liuti Bento da Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL**Coordenação editorial**

Ana Claudia de Mauro

Estagiários editoriais

Élcio Carvalho

Pietro Menezes

Preparação de originais

Carlos Villarruel

Revisão

Cadué Editorial

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico